



QUESTÕES FUNDAMENTAIS NA PESQUISA HISTÓRICO-CULTURAL: A CONEXÃO MARXISTA*

Peter E. Jones**

“Por um lado, há os trabalhadores e a maioria das pessoas e, de outro, são capitalistas globais, banqueiros, especuladores das bolsas de valores, os grandes fundos. É uma guerra entre os povos e o capitalismo ... e como em cada guerra, o que acontece na linha da frente define a batalha. Ele será decisivo para a guerra em outros lugares “. Alexis Tsipras, 19 de Maio de 2012.¹

1 Questões

Neste artigo pretendo tocar em uma série de questões que eu acredito que são fundamentais para o desenvolvimento da atividade de pesquisa da teoria histórico-cultural. Eu olhei mais detalhadamente estas questões em outros lugares (Jones, 2009, 2011a, b) e, portanto, visarei principalmente resumir esta discussão anterior. Mas também aproveitarei a oportunidade para fazer alguns comentários adicionais sobre as implicações dessas questões para a teoria e prática educacional especificamente.²

¹ A citação é tirada de uma entrevista entre Tsipras, líder do Syriza, o partido de coalizão grega de esquerda, e a jornalista Helena Smith (The Guardian, 2012).

² Eu sou especialmente grato aos meus amigos brasileiros e colegas pela oportunidade de discutir e refletir sobre essas questões. Em particular, eu gostaria de expressar minha gratidão de coração às Professores Cecília Magalhães e Fernanda Liberali da PUC, em São Paulo, por organizarem e me hospedarem em minha maravilhosa viagem ao Brasil, em Novembro de 2011. Na PUC eu tive o prazer de conduzir um minicurso de quatro dias sobre o tema “Marx, Atividade e Educação” e gostaria de agradecer a todos aqueles que fizeram parte do que foi uma muito agradável, e, espero, frutífera troca de pontos de vista sobre estas matérias. Eu também sou muito grato à professora Ivana Ibiapina, da Universidade Federal do Piauí pela sua hospitalidade e seu convite para fazer uma apresentação sobre estas questões no Colóquio de AFIRSE VI. O presente artigo é baseado nesta apresentação e é informado pelas discussões que tivemos em São Paulo e Teresina.

Recebido em: 10/08/2012 – Aceito em: 02/09/2012

* Traduzido do original “Fundamental issues in cultural-historical research: the Marxist connection” por Izabela Rodrigues Melo Souza e Renata Cristina da Cunha

** Communication Studies . Sheffield Hallam University. E-mail: P.E.Jones@shu.ac.uk



As questões que eu vou tocar aqui são os seguintes:

1. O problema da relevância de Marx para a teoria histórico-cultural;
2. Marx, “atividade” e problemas de metodologia na pesquisa histórico-cultural;
3. Marx e educação: a relevância da obra de Marx para a teoria e prática educacional;
4. Perspectivas para o diálogo e o desenvolvimento do trabalho histórico-cultural na educação.

2 O problema da relevância de Marx para a teoria histórico-cultural

Muitas vezes, é dado como certo nas discussões da teoria histórico-cultural que os princípios fundamentais desta tradição são rastreáveis ao legado teórico e científico de Marx. Não foi Lev Vygotsky, afinal, quem aspirou a criar uma “psicologia Marxista”, informada pelo método de O Capital de Marx (Vygotsky, 1986)? E não foi a “Teoria da Atividade” de A. N. Leont’ev (Leont’ev, 1978) a concretização do conceito de “atividade” que Marx definiu mais claramente na mesma obra? Mas as respostas a estas duas perguntas, como o leitor sabe, não são simples ou incontroversas. Estudiosos divergem sobre que aspectos da abordagem de Vygotsky, por exemplo, poderiam ser considerados “Marxistas” de origem ou inspiração. Problemas semelhantes cercam as teorias de Leont’ev (Jones, 2009) e a perspectiva alternativa oferecida por S. L. Rubinštejn (1987), enquanto a versão mais recentemente desenvolvida da “Teoria da Atividade” de Engeström Y (por exemplo, 1990) parece marcar uma ruptura radical com a tradição marxista, apesar de algumas semelhanças terminológicas (Jones, 2009, 2011b). Parece sensato, portanto, não apenas levantar questões sobre a continuidade entre a teoria histórico-cultural contemporâneo e Marx, mas também perguntar se essa continuidade é desejável. Será que a conexão Marxista realmente ainda importa? Será que é hora de reconhecer as limitações dos conceitos teóricos e an de Marx para as nossas necessidades contemporâneas e explorar as vantagens de bater em uma direção diferente? Mas, se assim for, que direção devemos ir? E o sistema teórico deve ser a nossa bússola?

Estas são perguntas importantes e oportunas. Uma maneira de lidar com elas é tentar chegar o mais claro quanto pudermos



às idéias de Marx sobre as questões cruciais para que possamos avaliar cuidadosamente a sua relevância e utilidade para nós hoje. Nesse espírito, espero que este artigo possa oferecer uma pequena contribuição em termos de esclarecimento.

3 Marx, “atividade” e problemas de metodologia na pesquisa histórico-cultural

Sabemos que o conceito de “atividade” é a chave para exploração filosófica e científica de Marx sobre a condição humana em geral e à sua crítica da economia política em *O Capital*, mais especificamente. Sabemos também que, “Teoria da Atividade” em suas diversas manifestações tentou pegar um conceito Marxista de “atividade” como um princípio fundamental para a sua análise das modernas formas de prática social. A grande questão, claro, é se o mesmo conceito está em jogo aqui.

Acostumamo-nos, através do nosso conhecimento (ou aplicação) da “Teoria da Atividade”, particularmente na versão desenvolvida por Engeström e colegas, (por exemplo, Engeström e Miettinen, 1999) a falar sobre o mundo social hoje, como se ele pudesse ser dividido essencialmente em complexas redes interconectadas de “atividades” ou “sistemas de atividade”, sendo estes os blocos irreduzíveis da prática social e, portanto, o ponto de partida (ou “unidade de análise”) para a exploração teórica e análise crítica. Assim, temos atividade educacional, a atividade médica, a atividade de pesquisa científica, e atividade industrial de algum tipo. Ou podemos ampliar ainda mais: uma lição na escola, uma palestra acadêmica, um médico do trabalho, uma operação cirúrgica em andamento etc.

Afirma-se frequentemente, ou assume-se, que esta noção de “atividade” ou “sistema de atividade” é, em última análise, devido ao próprio Marx, uma vez que emerge e se baseia na “Teoria psicológica da atividade” que A. N. Leont’ev procurou construir com base na concepção de Marx da atividade como o distintivo, ou até mesmo a definição, característica da existência humana.

Mas se olharmos para a obra de Marx a partir da perspectiva deste pressuposto, então, a sua maneira de fazer as coisas em *Capital* deve parecer especialmente estranha. Em particular, por que Marx não começa este célebre trabalho com uma lista detalhada e descrição de todas as “atividades” e “sistemas de atividade” em exposição no seu





dia e tenta conectar todos em um “mega sistema”? Por que ele não começa com, digamos, tipos distintos de profissão ou emprego - trabalho de fábrica, gestão, transporte, bancos, ensino, negociação etc - e, a partir daí, elabora um quadro composto de “atividade” e “sistemas de atividade” em uma escala de prática social como um todo? Por que, em outras palavras, ele começa a sua análise em O Capital com a mercadoria?

Pode-se facilmente concluir que abordagem de Marx e abordagem do “sistema de atividades” simplesmente não são metodologicamente compatíveis. E, de facto, deve notar-se que o conceito de “sistema de atividade” como uma “unidade de análise” foi proposto como uma alternativa à metodologia de Marx. Avaliar a pertinência da metodologia baseada em mercadoria de Marx às complexidades da prática social contemporânea, Engeström e Miettinen (1999: 9) concluem que “há uma demanda por uma nova unidade de análise”, exigência que seu novo conceito de “sistema de atividade” é projetado para atender.

A fim de apreciar as razões para esta divergência metodológica entre Marx e a “Teoria da Atividade” eu acredito que é necessário compreender o significado muito especial que Marx deu ao seu conceito de “atividade” em O Capital. Aqui, Marx (pelo menos na tradução do Inglês) usa o termo triplo “atividade”, “processo de trabalho”, e “trabalho” como sinônimos. Por exemplo, em um ponto, ele anuncia: “O trabalho é a condição natural eterna da existência humana. O processo de trabalho é nada mais que o trabalho em si, visto no momento da sua atividade criativa”(1976: 998).

Marx continua a examinar a atividade humana, ou o “processo de trabalho”, com mais cuidado, argumentando que os “elementos simples do processo de trabalho” (1976: 284) são “independentes de todo o desenvolvimento social específico” (1976: 998).

Parece óbvio, então, que Marx não poderia ter usado uma categoria analítica que é “independente de todo o desenvolvimento social específico” como um meio de descobrir o que é historicamente e socialmente específico sobre produção capitalista ou mesmo sobre qualquer forma realmente existente da sociedade. Afirmção da vida, atividade de suporte de vida servindo as necessidades humanas e prazeres é a base comum de todas as formas de organização social, argumenta ele, e não pode, portanto, por si só, servir como um critério ou método para distinguir as diferentes formas de organização social de um para o outro.





Ao contrário, Marx encontra o carácter distintivo da produção capitalista não no fato de que a “atividade” (o “processo de trabalho”) está acontecendo dentro dele, mas na incorporação do processo de trabalho dentro de um outro processo, que ele chama de “processo de valorização” (1976: 293). A produção capitalista produz bens úteis que servem as necessidades humanas, mas

[...] produção também é um processo de valorização, e aqui o capitalista devora a força de trabalho do trabalhador, ou se apropria de seu trabalho vivo como o sangue vital do capitalismo. Mercadorias e o objeto do trabalho em geral existem só para absorver o trabalho dos outros, e o instrumento de trabalho serve apenas como um condutor, uma agência, para este processo de absorção. (1976: 1007).

O “processo de trabalho capitalista”, Marx explica, “não anula as definições gerais do processo de trabalho”, uma vez que “produz tanto o produto como a matéria prima” (coisas que são úteis, mas também tem um preço). No entanto, “o processo de trabalho é apenas um meio para a auto-valorização do capital” (1976: 1039).

Na análise de Marx, então, não é “atividade” (ou “processo do trabalho”) como tal, mas sim, a relação específica (a “unidade”) entre o processo de trabalho e processo de valorização que “é a base e estímulo para o desenvolvimento de todas as práticas de trabalho historicamente específicas em todas as esferas dentro de produção capitalista”.

O processo de produção capitalista se alimenta do processo de trabalho; o explora; ele é um parasita para esse processo. Como todo parasita que tem que manter seu hospedeiro vivo ele usa seu hospedeiro e subordina-o para seus próprios fins e objetivos. E porque o processo de valorização só existe na e através do processo de trabalho, não é fácil distinguir os dois processos; eles se parecem a mesma coisa. A fábrica de automóveis parece uma fábrica para a produção de automóveis, mas é também - e mais importante - uma fábrica para a produção de mais-valia do trabalho vivo, é o local onde as capacidades criativas dos agentes humanos são capturadas (através da mercadoria) e subordinadas à produção de lucro. Marx enfatizou essa dificuldade em ver até o processo de valorização e expressamente advertido contra a “confundir a apropriação do processo de trabalho pelo capital com o próprio processo de trabalho” (1976: 998).





Marx começa sua conta de produção capitalista em O Capital com a mercadoria, um produto do trabalho, a fim de definir precisamente o que é distintivo sobre produção capitalista. Agora, é claro, não é o caso de que a produção de mercadoria por si só é de produção capitalista: a produção de mercadoria já existe há milhares de anos em diferentes formas e dentro de formas bastante diferentes de organização social. Mas a análise de Marx mostra que a produção capitalista necessita de produção de mercadoria e é impossível sem ela. O produto absorve o trabalho do produtor de uma forma “portátil”, uma forma que pode ser separada a partir do (‘alienado’ do) produtor ativo, e esta é socialmente conseguida pela separação do produto a partir do produtor, que é a premissa necessária para a exploração da atividade produtiva nas relações especificamente capitalistas.

Marx começa aqui e mostra como a produção capitalista surge como um sistema de produção de matérias-primas em geral, onde todas as coisas são mercadorias, incluindo a força de trabalho em si. E uma vez que a força de trabalho é uma mercadoria, então não só obter o valor (que aparece no valor de troca), mas a mais-valia como a riqueza criada pelo trabalho vivo é retirada no processo de produção e absorvida em mercadorias que contêm mais valor do que os salários oferecidos para o produtores em troca.

Este breve resumo da abordagem de Marx nos permite apreciar a diferença fundamental entre o seu conceito de “atividade” e o que circula dentro da “Teoria da Atividade”. “Atividade” (ou “o processo de trabalho”) na obra de Marx não é apenas a descrição genérica ou quadro descritivo-analítico para todas as práticas de trabalho concretas na sociedade capitalista (ou de qualquer sociedade); ela é usada para nos mostrar a diferença entre agir livremente, agir humanamente, agir de acordo com as necessidades humanas por um lado e agir conforme os ditames do capital, por outro. É um conceito que nos permite ver nosso potencial criativo como uma espécie sendo presa, confinada e degradada por outro processo. “Atividade” em Marx não é, portanto, uma descrição das práticas de trabalho contemporâneas, mas uma crítica delas; é um critério pelo qual podemos avaliar nossas práticas sociais em relação às necessidades humanas e alterá-las, a fim de libertar as nossas capacidades criativas de sua prisão temporária em formas desumanas de vida. Se a “Teoria da Atividade” leva “atividade” ou “sistema de atividade”, como uma “unidade de análise” para formas





contemporâneas de organização social e práticas de trabalho, em seguida, Marx, ao contrário, mostra que é a exploração da atividade de capital, que é o fundamento de tais formas e práticas - uma fundação que deve ser removida se as pessoas agirem em relação uns aos outros de uma forma que faz jus ao seu potencial humano.

O conceito de Marx de ‘atividade’ (ou ‘processo de trabalho “), portanto, deve ser sempre entendido em oposição ao conceito do processo de valorização, que é o processo de exploração do processo de trabalho, por mais difícil que seja para distinguir estes dois processos com base em aparências imediatas ou experiência. A distinção de fato se torna ainda mais crucial à medida que prossegue o desenvolvimento capitalista, dando origem a formas de valor que são cada vez mais distantes da verdadeira criação de valor no processo de produção: temos aqui, em especial o que Marx chama de “capital fictício”, incluindo a montanhas de dívidas agora esmagando a vida produtiva fora da economia mundial, e todos os “instrumentos” financeiros dentro do movimento do capital contemporâneo e prática bancária - o sistema bancário sombra, fundos de hedge, futuros, derivados e assim por diante (ver Harvey, 2011: 280 -1). A citação de Alexis Tsipras com que comecei este trabalho vividamente, e sucintamente, coloca tudo isso em perspectiva.

Nenhuma esfera da vida social em qualquer lugar do mundo escapa ou é imune às consequências diretas ou indiretas da dominação do capital sobre a produção social, sobre a “atividade”. Enquanto a obra de Marx coloca a luta para o trabalho criativo, livre da exploração capitalista no centro de sua análise, esta luta, juntamente com as características distintas de práticas de trabalho capitalistas, desaparece da imagem por completo quando um conceito sem graça e genérico de “atividade” ou “sistema de atividade” (ver Bakhurst, 2009) é feita no ponto de partida, e no quadro geral, para análise.

No entanto, estes comentários não são destinados como um despedimento dos insights e realizações de qualquer marca de “Teoria da Atividade” do ponto de vista doutrinário de alguns “Marxistas”, mas, afim de provocar uma discussão sobre onde nossas teorias estão nos levando e o que nós queremos delas. Mais especificamente, eu acredito que nós precisamos esclarecer uma série de coisas: a) o escopo, as vantagens e limitações de versões de “Teoria da Atividade” em relação ao projeto de Marx em *Capital* e b) a relação de “Teoria da Atividade” desenvolvida por Engeström e colegas para as psicologias de atividade de A. N. Leont’ev e Rubinshtejn SL, em particular.





4 Marx e educação: a relevância da obra de Marx para a teoria e a prática educacional

O problema geral que estamos abordando é a questão básica de como entendemos o que está acontecendo na sociedade e como trabalhamos o que fazer sobre isso. Mais especificamente, estamos preocupados com a forma como abordamos a tarefa de compreender o papel social específico e função social das instituições de ensino e práticas educativas na sociedade de hoje, o que podemos fazer para transformá-las, e como essa transformação pode contribuir para a transformação das relações sociais de modo geral. Nesse contexto, quais são as implicações do método e idéias de Marx discutidas acima para a compreensão da educação na sociedade capitalista?

Vimos que a análise de Marx em *O Capital* começa com a matéria-prima, e nós vimos o porquê. Mas a análise de Marx não termina aqui, é simplesmente o ponto de partida para uma recriação sistemática de todas as relações sociais, funções e práticas próprias de uma sociedade baseada na exploração da atividade humana através de produção de mercadorias. A sua análise inicial leva o processo de produção de forma isolada a partir de todos os outros processos e formas de “atividade”, num sentido mais geral, incluindo a educação, direito, política e assim por diante, em que é necessariamente incorporado. Tal isolamento, ou “abstração”, é visto por Marx como essencial para a construção de uma imagem totalmente “concreta” da sociedade capitalista, no pressuposto de que a produção capitalista em ascendência se esforça para reformular e redesenhar todos os domínios da vida social para servir os interesses do capital e de reprimir ou subornar todas as formas de resistência a essa dominação. Ao mesmo tempo, os agentes do processo de trabalho lutam para se proteger da exploração, para obter uma maior parte do produto de seu próprio trabalho na forma de salários mais elevados, habitação, educação, saúde e assim por diante e desenvolver suas próprias formas de organização - os sindicatos e partidos políticos - para melhorar e ampliar seus poderes através da coletividade de resistência e de articular uma visão alternativa.

Se a exploração do trabalho vivo é o “fato” econômico básico da produção capitalista, esse “fato” é constantemente contestado, uma competição que se desenrola em toda a sociedade, pois todas as esferas da vida e do trabalho estão interligados na base deste “fato”.





O próprio Marx não era doutrinário “maximalista”, mas o mais ferrenho apoiante de qualquer tentativa de melhorar as condições de trabalho e as práticas ou condições de vida em geral, dentro do quadro das relações de exploração de produção. Qualquer medida humana, incluindo a mudança legal ou constitucional, que invadir e limitar as demandas e domínio do capital foi tomada como um passo positivo para a afirmação e certificação de valores humanos, do potencial humano. Todas essas lutas, ainda que em pequena escala, ofereceram espaço para um concurso de objetivos e prioridades políticas e as realizações feitas criaram pontos de paragem para a mais ampla e profunda mudança e transformação social.

Assim, o método de Marx não implica uma diminuição de toda e cada esfera de produção ou prática de trabalho na sociedade para o mesmo modelo abstrato, mas no traçado como essas esferas e práticas crescem como interdependentes e inter-relacionados na base da luta para impor, e para resistir, à exploração capitalista do trabalho. Na verdade muitas esferas da vida profissional não parecem envolver a produção de mais-valia em tudo, ou até mesmo mercadorias, embora, claro, eles sejam dependentes, e conectados, à mercadoria e à produção de mercadoria em cada ponto. O próprio poder de trabalho dos profissionais que trabalham dentro dessas esferas é mercantilizado (eles trabalham por um salário) depois de tudo. Escolas, enquanto ‘servindo’ estudantes, são “entidades empresariais” inteiramente dependentes de orçamentos para a compra e consumo de mercadorias, além de pagar os salários. Mas quem define o orçamento e de onde o dinheiro veio? Quais linhas (política ou estratégica) estão ligadas? E que efeitos, que resultados e conseqüências as práticas de educação têm dentro da sociedade? Em todos os casos, o problema analítico não é simplesmente notar que os produtos são consumidos (já que os mesmos estão em todos os lugares), ou que os recursos são apertados e sua alocação impugnada, mas ver como esta esfera social está ligada às esferas mais amplas e também mais profundas da atividade econômica e da exploração do trabalho pelo capital. A abordagem de Marx não é sobre a aplicação de um modelo genérico de análise ou de fórmula, mas sobre o rastreamento e análise de interação, interconexão e possibilidades de mudança dentro de todo o sistema. Em outras palavras, mesmo que admitamos que os professores no setor da educação pública, por exemplo, não sejam “trabalhadores produtivos” (Marx, 1976: 1044) (ou





seja, a produção de mais-valia), a tarefa principal da análise é entender sua posição dentro da formação social que é construída em torno de “trabalho produtivo”.

O quê, então, é específico para a “educação” sob condições capitalistas? Qual é o papel desempenhado pelas instituições de concreto e práticas educativas nas sociedades construídas em torno da exploração do trabalho? Primeiro de tudo, não seria sensato do ponto de vista de Marx tomar os valores auto-proclamados e virtudes das instituições de ensino próprias pelo valor de face, ou como ponto de partida para a análise. A fábrica de automóveis, observamos, é a produção de automóveis (quando os tempos são bons), mas, mais para o momento, é um local para a produção de mais-valia. O que exatamente está sendo “produzido”, então, nas escolas e salas de aula?

Aqui é um ponto de vista do trabalho clássico Reimer na educação mundial (1971: 23):

Escolas diferentes fazem coisas diferentes, claro, mas cada vez mais, as escolas em todas as nações, de todos os tipos, em todos os níveis, combinam quatro diferentes funções sociais: cuidados de custódia, a seleção do papel social, doutrinação e educação, geralmente definidas em termos de desenvolvimento de habilidades e conhecimentos. É a combinação destas funções o que torna a escolaridade tão cara. É o conflito entre essas funções o que torna escolas educacionalmente ineficientes.

É interessante que a “educação como geralmente definido” vem por último, e como menos importante, na lista de Reimer de funções. A análise de Reimer não é baseada em Marx, embora ele não seria muito difícil retrabalhá-la a partir de uma perspectiva marxista. E, de fato, não há falta de erudição marxista sobre a educação e seu papel social e potencial (ver Green, Rikowski & Raduntz, 2007).

Como observado em Jones (2011a), Marx não via a escolaridade obrigatória como uma conspiração capitalista para escravizar ideologicamente a classe trabalhadora, mas como uma reforma necessária e progressiva que protegia os filhos de famílias da classe trabalhadora contra a exploração nas fábricas e minas, poupando suas vidas e saúde no processo. Este movimento também os protegeu de suas próprias famílias, que, como resultado da pobreza e exaustão, foram obrigados a forçar seus filhos para o trabalho abusivo e explorador. Em Marx, a “função de custódia” de Reimer é um escudo,





uma medida humanitária, uma atenuação das forças de exploração no trabalho na sociedade e, na mesma medida, representa uma incursão tanto cultural quanto econômica em uma hegemonia capitalista. Esta separação legalmente forçada de trabalho (infantil) a partir de capital e as pressões da pobreza doméstica cria um espaço de possibilidades para a ação intelectual e prática em relação às relações sociais dentro e fora da escola. Exatamente o que acontece na escola é, portanto, desde o início também um concurso, ou melhor, faz parte da maior competição entre trabalho e capital. Ao mesmo tempo, a separação dos sistemas de ensino do mundo do trabalho transforma “educação” em um negócio muito peculiar, problemático e profundamente em conflito, como a teoria histórico-cultural tem tido o cuidado de salientar (veja a discussão em Jones, 2011a). Assim, os sistemas escolares concretos são sempre o resultado de um complexo equilíbrio de forças concorrentes e conflitantes na sociedade em geral.

Qualquer sistema ou instituição de ensino, portanto, representa uma confluência instável de várias funções sociais que representam interesses sociais conflitantes. Isso significa também que o papel da escola, ou do professor individual, com relação a essas lutas sociais mais amplas, não é nem pré-determinado nem gravado em pedra: o papel social da escola é ganhar. Afirmar, por exemplo, que a educação é um direito de todos, que deve realmente educar, motivar e inspirar, que deve ajudar a proteger-nos da exploração e da pobreza, que não deve reproduzir, mas combater a desigualdade social - tudo isso é também uma chamada às repartições: ele diz o que a educação deve ser, o que pode ser, e nos leva a encontrar formas e meios para torná-la assim. Assim como, por exemplo, dizer que a água boa e limpa deve ser acessível e gratuita para todos é ao mesmo tempo um desafio para as concessionárias privadas (e seus apoiadores políticos) que lucram com os recursos naturais, deixando milhares de milhões de pessoas no mundo todo sem beber água adequada. Do ponto de vista de Marx a luta contra a exploração é uma a ser realizada em todas as frentes e pode começar em qualquer lugar, já que todos os desafios para o status podem se tornar, nas palavras de Harvey (2011: 231), “os pontos co-revolucionários em torno do qual a ação social poderia convergir e girar”.

Isto significa que os professores têm a oportunidade, quando as circunstâncias são propícias, para fazer uma diferença real para as suas comunidades e sua classe. As escolas podem oferecer oportunidades seguras de aprender fora de casa, fora do local de trabalho, fora das ruas, pois eles podem ajudar a aumentar a conscientização de crianças e suas famílias de problemas básicos de saúde, podem se tornar catalisadores





de auto-educação de uma comunidade, podem ajudar comunidades a se organizar, ajudá-los a encontrar sua voz e ter uma voz, a ganhar confiança e reforçar o seu sentido de identidade, a criar uma visão de um futuro alternativo para as pessoas que trabalham e os mais pobres da sociedade e desafiar as desigualdades financeiras que determinam oportunidades de vida e, de fato, a expectativa de vida, e que podem ajudar a criar uma nova visão do que é a verdadeira aprendizagem e como deve ser desenvolvida e recompensada. Se oportunidades deste tipo podem ser feitas ou apreendidas, então, a escolaridade torna-se uma prática poderosa de transformação. Nessas circunstâncias, o professor pode se tornar modelo para capacitação e consciência social, assim como os empregadores iluminados, ao fornecer condições para o trabalho e realizar com dignidade e em espaços onde a aprendizagem e crescimento pessoal pode ocorrer, também pode desempenhar um papel no avanço da causa de mudança social progressista.

5 Perspectivas para o diálogo e o desenvolvimento histórico-cultural do trabalho na educação

Comecei com algumas considerações teóricas abstrusas e depois mudei para uma conversa, espero que em termos mais concretos, sobre as implicações dessas questões para a compreensão da educação e o papel potencial que as escolas podem desempenhar dentro do mais amplo contexto social sobre a exploração do trabalho. Nesta discussão, tentei enfatizar o que acho que são as vantagens, ou pelo menos possibilidades, na abordagem de Marx de processos sociais em relação a uma “atividade” ou abordagem de “sistema de atividades” como as desenvolvidas pela “Teoria da Atividade”.

No entanto, deve-se reconhecer que a teoria histórico-cultural, e a “Teoria da Atividade” especificamente, já fizeram contribuições consideráveis e significativas tanto para a crítica contemporânea das práticas educativas e para a sua mudança e melhoria na prática (por exemplo, Engeström, 1999, 1991 e ver Jones, 2011a). Com essa luz, talvez seria sensato não apenas destacar a divergência entre Marx e as abordagens de “atividade”, mas explorar a convergência ou complementaridade, pelo menos dentro de certos limites.

Talvez seja melhor, então, não tomar “Teoria da Atividade” como uma alternativa à teoria de Marx ou metodologia em termos de uma “grande teoria”. Em vez de criticar esta abordagem por não fornecer





uma visão das relações sociais capitalistas, ou da especificidade dessas relações, talvez devêssemos positivamente enfatizar seu papel útil em relação a questões locais de organização do trabalho onde a exploração de mão de obra no sentido de Marx não está ocorrendo, ou seja, na área da saúde pública e da educação ou de outras equipes de trabalho que estão a alguma distância ou têm algum grau de autonomia no que diz respeito à relação trabalho-capital? Afinal há muitos problemas que surgem e que podem ser resolvidos em um dia-a-dia sem fazer uma revolução. Há muitas maneiras de melhorar as condições de trabalho, a qualidade do serviço, a vida das pessoas e sua saúde e o status social em geral, sem derrubar o capitalismo. A “abordagem da atividade”, sem dúvida, serviu como uma ferramenta útil para a exploração do “tempo justo” e intervenção em ambientes públicos onde o valor é consumido em vez de criado. Mas as condições do tempo justo não são garantidos, é claro: você pode trabalhar duro para melhorar o atendimento ao paciente na clínica ou para melhorar o ensino de alfabetização em sala de aula apenas para descobrir que sua clínica desapareceu graças a “medidas de austeridade” ou o seu programa de alfabetização tem sido substituído por um imposto do governo (e contratados privadamente) de regime “sintético fonético”.

Mas isso é exatamente onde Marx se encontra, ou seja, onde nós precisamos ver o cenário maior em que nossas próprias práticas e aspirações cabem. O aparentemente concreto trabalho de “atividade” de qualquer esfera profissional particular ou ramo da divisão social do trabalho pode então nos parecer um tanto abstrato e, conseqüentemente inútil, ponto de partida para tentar encontrar uma compreensão clara dos processos mais profundos da sociedade e os conflitos que formam, muitas vezes de forma drástica e sem compromisso, as vidas e os meios de subsistência de centenas de milhões de pessoas. Quando chegamos a essas grandes crises na vida social torna-se talvez um pouco mais evidente que a “Teoria da Atividade” não é tanto uma continuação da abordagem de Marx como uma espécie de teoria desacreditada que borra as linhas claras conceituais que Marx desenhou e artigos sobre as rachaduras e defeitos dentro da realidade social que Marx procurou expor.

No entanto, outros podem discordar dessa avaliação. Espero, portanto, que a discussão e o debate em torno destas questões continuem.



References

- BAKHURST, D. (2009). 'Reflections on Activity Theory'. **Educational Review**, 61 (2) 197-210.
- Engeström, Y. (1990) **Learning, Working and Imagining: Twelve Studies in Activity Theory**. Helsinki: Orienta-Konsultit.
- ENGESTRÖM, Y. (1991). '**Non Scolae Sed Vitae Discimus: Toward Overcoming the Encapsulation of School Learning**'. *Learning and Instruction* (1): 243-259.
- _____.; Miettinen, R. (1999). Introduction. In: Y. Engeström *et al* (eds.) **Perspectives on Activity Theory**. Cambridge: Cambridge University Press.
- JONES, P. E. (2009). '**Breaking away from Capital? Theorising Activity in the Shadow of Marx**'. *Outlines*, 1, 45-58.
- _____. (2011a) '**The Living and the Dead in Education**. Commentary on Julian Williams. *Mind, Culture and Activity* 18 (4), 365-373.
- _____. (2011b) 'Activity, Activity Theory, and the Marxian Legacy'. In: _____ (ed.), 193-213.
- _____. (ed.) (2011c) **Marxism and Education, Renewing the Dialogue, Pedagogy and Culture**. New York: Palgrave Macmillan.
- LEONT'EV, A. N. (1978) **Activity, Consciousness, and Personality**. Englewood Cliffs: Prentice Hall.
- HARVEY, D. (2011) **The Enigma of Capital and the Crises of Capitalism**. London: Profile Books.
- GREEN, A, Rikowski, G.; Raduntz, H. (eds.) (2007) **Renewing Dialogues in Marxism and Education**. Openings. New York: Palgrave Macmillan.
- GUARDIAN (2012) '**Greece's leftwing leader: "I do not believe in heroes or saviours"**'; interview between Helena Smith and Alexis Tsipras; *The Guardian*, 19th May 2012.
- MARX, K. (1976). Capital. **A Critique of Political Economy**. Harmondsworth: Penguin Books.
- REIMER, E. (1971) **School is Dead**. An Essay on Alternatives in Education. Harmondsworth: Penguin Books.
- RUBINŠTEJN, S. L. (1987) '**Problems of Psychology in the Works of Karl Marx**', *Studies in Soviet Thought*, 33: 111-130.
- VYGOTSKY, L. S. (1986). **Thought and Language**. A. Kozulin (Ed.). Cambridge, Mass: MIT Press.